

A Viagem Liberadora: Para além das Fronteiras Sociais da Sexualidade¹

Revista Rosa dos Ventos

5(4) 548-558, out-dez, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Ricardo Lanzarini ²

RESUMO

Este texto apresenta uma etnografia de homens de identidade pública heterossexual que buscam interações sexuais homoeróticas no período de afastamento de seus grupos sociais fixos, onde as viagens passam a representar um momento libertador do cotidiano sexual heteronormativo. A análise de campo se concentra na Ilha de Santa Catarina, no litoral sul brasileiro, onde adotei como técnica a *flânerie*, realizada entre junho de 2010 e janeiro de 2011 por lugares de sociabilidade homossexual da Ilha e comumente frequentados por turistas e residentes, tais como bares e danceterias. Dentre os resultados, identifiquei um perfil recorrente de homens em viagens que buscam sexo, em sua maioria viajando sozinhos por motivos profissionais, com idade entre 35 e 55 anos, notadamente profissionais liberais, que permanecem na Ilha de dois a quatro dias e que buscam sexo fora do circuito da prostituição, mas sim, pela simples troca de prazer sexual entre ambos.

Palavras-chave: Viagem.
Cotidiano. Prazer sexual.
Homens. Ilha de Santa Catarina,
SC, Brasil.

ABSTRACT

A Liberation Journey: Beyond the Frontiers of Social Sexuality - This text presents an ethnography of public heterosexual identity men who are searching for homoerotic interactions when they're away from familiar environment, and traveling represents a moment of freedom versus their heteronormative daily life. Field analysis focused on the island of Santa Catarina, in the southern coast of Brazil. I used the *flânerie* technique between June 2010 and January 2011 at homosexual sociability places which were frequented by

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada ao Grupo de Trabalho "Antropología y Turismo" do X Congresso Argentino de Antropología Social, ocorrido em Buenos Aires, Argentina, em dezembro de 2011.

² **Ricardo Lanzarini** – Doutor em Ciências Humanas. Bacharel em Turismo. Em estágio pós-doutoral na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, onde desenvolve o projeto "Lazer erótico nas viagens", com bolsa de pesquisa CNPq. E-mail: ricardolanzarini@gmail.com

tourists and residents, such as bars and discos. Among the results, I identified a men' profile searching sex while they're traveling, mostly of the times alone, for business, between 35 and 55 years old, and them remain on the island for more two or four days looking sex out of the prostitution's trade, just to have sex only for sexual pleasure for both.

Keywords: Travel. Daily life. Sexual pleasure. Men. Ilha de Santa Catarina, SC, Brazil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre o comportamento sexual de turistas e suas buscas sexuais em localidades que trabalham com o turismo são, ainda, incipientes, e fundamentados nas análises antropológicas e sociológicas dos estudos de gênero e sexualidade. Quando iniciei meus estudos sobre o comportamento sexual de turistas brasileiros pelo Brasil e na Europa, uma das minhas principais propostas foi trazer para o universo dos estudos do fenômeno turístico um diálogo interdisciplinar, levando em consideração o arcabouço científico que envolve o turismo, suas variantes e potencialidades enquanto principal fomentador da liberação social que motiva novos comportamentos, visto que é um momento de afastamento social, cultural e econômico dos grupos que referenciam cada indivíduo e fazem dele um sujeito social. A atividade turística, desde a década de 1980 é caracterizada como uma válvula de escape (Krippendorf, 1989), capaz de modificar o comportamento das pessoas, que se sentem livres para agir a partir de impulsos e desejos que são normalmente reprimidos na vida cotidiana por seus grupos sociais.

Nesta pesquisa, de base interdisciplinar, apresento homens de identidade pública heterossexual que, durante suas viagens, encontram a oportunidade de experienciar o prazer homoerótico em relações desconexas do cotidiano e das relações sociais fixas. Nessas condições, são capazes de manter, pelo anonimato social que a viagem propicia, a integridade social e a moral familiar cotidiana. O espaço de abrangência da pesquisa é a Ilha de Santa Catarina, que integra o município de Florianópolis, capital do estado, que recebe, desde 1970, um grande contingente de turistas – motivados por questões profissionais e/ou pessoais – e migrantes brasileiros e estrangeiros em busca de novas oportunidades de trabalho.

Estar longe do ambiente social cotidiano instiga as pessoas a usufruírem de uma liberdade social e moral de seus comportamentos, perpassando as normas legitimadas pela cultura de origem de cada viajante. Krippendorf (1989) aponta que estar 'fora de casa' é reconhecer-se num ambiente diferente e ter pouca ou nenhuma relação social e familiar, auxiliando numa sensação de liberdade pela ausência de vigilância. Nesse sentido, a viagem cria oportunidades de socialização e comportamentos que são, em sua essência, opostos ao processo de construção e legitimação do cotidiano, que DeCerteau (2004) apresenta como aquilo que é instituído socialmente, repetido e, nessa situação, pressionando e oprimindo o presente, assim como as pessoas e os grupos que se colocam contra os processos sociais de controle do corpo, dos sujeitos e instituições.

A liberação das 'amarras' cotidianas, entretanto, não pode ser experienciada livremente, visto que há regras de sociabilidade que regem todos os encontros e lugares públicos e privados, normatizando e legalizando o comportamento individual e coletivo. Desse modo, um viajante qualquer não pode agir livremente em detrimento do bem-estar local sem sofrer punições legais ou repressões por parte do grupo atingido. Logo, toda liberdade que se estabelece na viagem é, de certo modo, assistida e vigiada. A diferença é que a vigilância é local e numa sociabilidade temporária, causa pouca ou nenhuma sensação de repressão.

Desde que iniciei minhas pesquisas no campo das práticas sexuais de turistas identifico uma tendência de busca por espaços de sociabilidade sexual, que comumente são utilizados pelos residentes, principalmente em grandes centros urbanos, tais como as casas de sexo, boates e bares. Park (1979) trata desses espaços de sociabilidade paralela como 'regiões morais', típicas de grandes centros urbanos, onde pessoas que se encontram em desacordo com as normas sociais frequentam e articulam um lugar individualizado, desconexo de suas vidas cotidianas. Para ultrapassar os limites sócio-morais e estabelecer relações de satisfação e contentamento, sem prejuízo das adequações sociais, estabelecem sociabilidades fugazes, descompromissadas e, na maioria das vezes, anônimas.

Ao estudar regiões morais de sociabilidade homossexual na cidade de São Paulo, Perlongher (1989) chamou de *guetos gays* espaços onde, não somente os homossexuais, mas aqueles que não assumem sua condição frente à sociedade costumam frequentar em busca de sexo, companhia e/ou afeto. Durante meu trabalho de campo encontrei nos *guetos gays* da Ilha a constante presença de turistas em busca, principalmente, de sexo, estabelecendo relações fugazes entre o cotidiano e o comportamento homoerótico esporádico durante as viagens, o que lhes permite rupturas sócio-morais temporárias.

No campo de pesquisa, o método etnográfico, que se baseia na experiência pessoal e na participação, com descrição narrativa (Genzuk, 1993), foi adotado para que eu pudesse acompanhar e descrever a circulação e busca por sociabilidades homoeróticas. Para tanto, a observação participante, enquanto mecanismo de aprendizagem e observação da realidade, tornou-me membro do grupo pesquisado, forçando uma aproximação entre pesquisador e pesquisados. Para Richardson (1999), "na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado" (p.261), tendo mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características do cotidiano da comunidade pesquisada.

Este trabalho tem caráter qualitativo, pois trata do universo de significados, valores e atitudes que correspondem a um espaço de relações, de processos e fenômenos (Laville & Dionne, 1999), por intermédio da técnica de *flânerie*, inspirando-se nas ideias de Benjamin (1997). A figura do *flâneur*, que Benjamin (1997) apresenta a partir de Baudelaire, sugere um ser errante que vaga pelas cidades ociosamente, sem destino certo, vivendo a experiência urbana associada às novas transformações no espaço, nos hábitos, os costumes, os símbolos e a multidão. A multidão é atrativa para o *flâneur*, que observa os tipos urbanos por intermédio da repetição, do movimento e do anonimato. Ele é capaz de experimentar variadas sensações, como pesquisador anônimo e como expectador do movimento de pessoas, comportamentos e falas e, ainda, atuar como um detetive capaz de decodificar informações cotidianas pouco avaliadas pela sociedade. Nesse sentido, flanei pelos equipamentos de lazer e entretenimento da Ilha destinados ao público GLS³ em busca de turistas, a fim de melhor compreender o modo como os *guetos* estabelecem escapismos na viagem.

EXPERIENCIANDO A SEXUALIDADE NA VIAGEM

Qual o significado para a liberação sexual de homens socialmente heterossexuais que experienciam durante suas viagens o prazer sexual com outros homens, de forma anônima, ao

³ GLS refere a *gays*, lésbicas e simpatizantes; sigla ainda utilizada pelo mercado turístico mundial para designar o consumo de espaços destinados ao público homossexual.

frequentarem guetos sexuais? A ideia de estigma pode nos ajudar a entender. O estigma, conforme Goffman (1988), aponta para algo que a sociedade chama de desvio de conduta. O sujeito é diferenciado dos outros membros do grupo social “numa relação destorcida com a vida moral que é sustentada, em geral, pelos outros membros” (p.153). No caso dos pesquisados, há uma constante busca pela invisibilidade social, condição comum nas viagens nas quais se encontrem sozinhos e em ambientes fora de seu circuito social habitual, podendo experimentar desejos reprimidos no viver cotidiano.

Nas práticas sexuais há fatores que distorcem a vida sócio-moral como comportamentos dissonantes da heterossexualidade dominante – que determinam que a vida sexual deve ser reprodutiva e, por isso, acontecer entre um homem e uma mulher, em padrões monogâmicos de união – e forcem as práticas divergentes a acontecerem nos guetos, evitando estigmas referentes à sexualidade ‘transgressora’, tal qual acontece com as práticas homoeróticas. Uma parcela significativa de homens que, durante suas vidas sexuais ativas, reprimem seus desejos sexuais homoeróticos, extravasam essas buscas nos guetos, em especial, fora do convívio de seus grupos fixos. Nesse aspecto, a cidade grande serve de principal palco desses escapes, pois é ela quem concentra a maior circulação de pessoas, de grupos divergentes das normas sociais e, conseqüentemente, de guetos capazes de abrigar as mais variadas procuras de sociabilidade.

Nas práticas homoeróticas entre homens, a reprodução de estigmas remete-me às noções de masculinidade discutidas por Fry (1982), Badinter (1993) e Almeida (1995), onde é possível vislumbrar a ideia de masculino associada à representação do machão, homem forte e viril, bem sucedido e sexualmente ativo, como modelo que serve, ainda hoje, de padrão social e moral para as sociedades ocidentais. Toda e qualquer fórmula de masculinidade contrária a esse modelo é considerada, pela sociedade, como um ‘desvio’ de comportamento e de forma, que acaba sempre marginalizada e obriga os homens a viverem ou à margem das sociabilidades ou ‘no armário’ (Almeida, 2009), um espaço simbólico onde se escondem desejos e sexualidades em benefício de um grupo social dominante, mantendo a identidade sexual em segredo.

As regulamentações sociais da sexualidade estão presentes desde a infância. Bozon (2004) relata a iniciação sexual como fator determinante na vida social de homens e mulheres, que varia conforme a cultura e que gera, por suas imposições, diferentes formas de violência e repressão. Essas iniciações, fortemente demarcadas por regras de conduta social, são apresentadas por Gagnon (2006) a partir do conceito de roteiros sexuais – *sexual scripts* –, que constituem modelos heteronormativos do comportamento sexual, como um *script* da sexualidade, onde desde criança se impõem as coerções de gênero sobre como devem agir ‘menino’ e ‘menina’. Assim, a sexualidade age como um mecanismo de repressão e fortalecimento de ideologias heterossociais estabelecidas por relações de poder, que tanto Rubin (1998), Butler (2001) e Foucault (1997) abordam como uma instância política na sociedade, relações de poder estabelecidas para o controle moral da sexualidade. Neste contexto surgem as repressões e violências de gênero, a exemplo das práticas homossexuais que representam um forte esquema de transgressão sócio-moral que gera violência e estereótipos desde a infância, condenando um grande número de homens ao ‘armário’.

As discussões a cerca de gênero e sexualidades têm suas teorias estruturadas principalmente nos movimentos feministas contemporâneos, na busca pela igualdade e na desconstrução da heterossexualidade que naturaliza a dominação dos homens em praticamente todos os aspectos da vida social. Scott (1995) conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos como um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p.16). Assim, a autora expressa que se deve

problematizar “os conceitos normativos que colocam em evidência as interpretações do sentido dos símbolos” (p.14), para identificar linguagens e representações de sexualidades expressas na disputa de gênero pelo poder social e coerção sexual moral, tal qual Foucault (1997) salienta que “nas relações de poder, a sexualidade não é um elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (p.98).

O gueto representa, nas relações sociais de poder, o espaço subjetivo e paralelo criado na cidade que serve para se experienciar ações limitadas pela moralidade. Estabelecem-se, assim, sociabilidades de satisfação e contentamento sem prejuízo às adequações impostas pelo grupo social de origem em espaços próprios, como uma fuga do cotidiano opressor. Nessas fugas, o anonimato urbano se apresenta como uma película protetora (Pétonnet, 1987) para as relações esporádicas e descompromissadas de sexo, que acabam invisíveis em meio a multidão, gerando segurança emocional aos participantes.

As práticas sexuais são sempre desafiadoras de se pesquisar, dada sua marginalidade e anonimato. O que normalmente se obtém nos estudos sobre sexo e turismo são dados quali-quantitativos referentes à prostituição. Já a busca por contato sexual – pago ou não – em bares, boates e casas de sexo só podem ser medidas qualitativamente e a partir da inserção do pesquisador neste espaço, contudo, de forma parcial e subjetiva. A *flânerie* me permitiu adentrar neste mundo velado da transgressão moral para compreender de que forma se intercambiam as relações e jogos de interesses eróticos entre homens, envolvendo viagens e desejos sexuais reprimidos.

FLANANDO PELA ILHA DE SANTA CATARINA

Por se tratar de um tema velado, a busca por homosociabilidades⁴ entre turistas e residentes no campo etnográfico ilhéu foi tão acessível – pela frequência nos guetos – quanto difícil – pela negação social que se estabelece em virtude dos estigmas da sexualidade. Lanzarini e Rial (2010) apontam que há um modelo ideal aceito socialmente como masculino, negando qualquer forma de ligação à imagem homossexual. “Trata-se de um modelo que subordina outros modelos. Há até mesmo lugares de privilégio [...], dentre os quais o trabalho, ambientes urbanos (boates, cafés, bordéis), ambientes exteriores em geral, como festas, caça, pesca, etc.” (*ibidem*, p.7).

Quando frequentei os espaços propícios ao encontro afetivo e/ou sexual na Ilha, como bares e boates, era fácil identificar homens à procura de companhia, sempre sozinhos em locais com pouca iluminação, a observar a circulação de pessoas. A condição de *flâneur* deu-me margem à observação do espaço a partir do comportamento da multidão (Benjamin, 1997). Entre junho de 2010 e janeiro de 2011 estive presente nos espaços mais badalados da Ilha, com alto fluxo de residentes e turistas.

Identifiquei, primeiramente, os principais guetos frequentados pelo público homossexual, veiculados em revistas e sites especializados em viagens e turismo. Encontrei seis bares, dois na região das praias e quatro no Centro, sendo dois de funcionamento apenas noturno; duas boates no centro da cidade; dois clubes de sexo e duas saunas também na região central. Elenquei, então, três espaços de análise: uma boate, no Centro; um bar de praia e uma casa de sexo também no centro comercial da Ilha. Cabe salientar que todos os entrevistados citados

⁴ Homosociabilidade se refere à sociabilidades homoeróticas, conforme adota Lanzarini e Rial (2010).

são identificados com nomes fictícios para facilitar a compreensão do leitor e manter o anonimato das fontes.

O primeiro espaço de análise é uma boate que, nas noites de sábado, reúne cerca de 400 pessoas, entre residentes, visitantes da região metropolitana de Florianópolis e turistas. É, também, dos equipamentos de lazer e entretenimento direcionados ao público homossexual, o mais divulgado nos meios de comunicação de massa, como revistas, sites e folheterias. Situada em umas das principais avenidas comerciais, há, nas proximidades, comércios, residências e equipamentos de lazer, como bares de público diversificado. Na observação externa, era interessante notar a aglomeração dos primeiros clientes, formando uma fila na entrada ou se reunindo em pequenos grupos que bebiam e conversavam, dando início às sociabilidades. Um alto fluxo de veículos transitava em marcha lenta, observando aqueles que aguardavam para adentrar no recinto. A iluminação pública dava ao lugar uma visibilidade ainda maior e eram poucos os locais menos expostos. Não somente em frente ao clube, mas ao longo de uma quadra para direita e esquerda deste, se aglomeravam frequentadores, do outro lado da rua, dentro dos carros ou embaixo das árvores, onde a pouca iluminação confunde os rostos na 'vitrine' que identifica perigosamente a sexualidade de homens locais que mantêm uma vida pública heterossexual, mas que não interfere na condição do turista.

Ao me aproximar da entrada, percebi que a maior parte das pessoas parecia bem ambientada, com a formação de pequenos grupos de amigos. Alguns, entretanto, mantinham-se isolados, chegavam solitários e permanecendo em silêncio, com expressão tensa e olhos atentos, como que buscando algo, mas numa posição de defesa, proteção e, provavelmente, medo. Havia uma expressiva quantidade de veículos estacionados nas proximidades com placas de cidades vizinhas, da região metropolitana e interior do Estado, além de elevado fluxo de taxistas, importantes indicadores do movimento de turistas. Dentro, o clima era outro: o ambiente fechado, iluminado por luzes *neon* e a música eletrônica dava uma configuração mais impessoal e livre. Em pouco tempo o lugar estava completamente lotado. Os corpos inevitavelmente se esbarram por causa das danças, lotação, interação social e circulação de pessoas. Há duas pistas giratórias que se movimentam em sentidos opostos e percorrem toda a arena. Na parte superior, vários *decks* permitem a contemplação da pista de dança. No andar superior há outra pista mais reservada e uma área para fumantes com vista para a avenida. Os dançarinos da boate, chamados *gogoboy*s, garantem a sensualidade da noite com fantasias, sungas ou roupas de couro, além de acessórios eróticos.

No decorrer da noite realizei algumas interlocuções com abordagem informais e consegui, ao longo das falas, depoimentos a respeito do fluxo de turistas no lugar, além da motivação de residentes assíduos. Caio⁵, estudante universitário de 25 anos, natural do município de São José, na região metropolitana de Florianópolis, SC, estava à procura de um parceiro afetivo-sexual. Expôs que na boate era mais fácil buscar interações sexuais sem correr o risco de sofrer agressões verbais ou físicas. Para ele, *“a música é boa e as pessoas são bonitas. Não gosto muito de dançar, mas aqui encontro amigos, gente pra beber comigo, conversar e transar, às vezes. Lá fora é mais complicado!”*. Argumentou já ter conhecido ali vários homens de outras cidades, estados e países. Salientou ainda que *“em janeiro e fevereiro só tem turistas na boate, a maioria querendo sexo sem compromisso ou um casinho de verão”*.

Ao fim da noite deparei-me com Matheus⁶: homem de 40 anos, aparência bem cuidada e simpática, profissional liberal, procedente de Curitiba, PR, que estava na Ilha a trabalho fazia três dias e aproveitou a noite de sábado para conhecer a boate que lhe foi indicada por uma

⁵ Entrevista concedida em 3 de setembro de 2010.

⁶ Entrevista concedida em 3 de setembro de 2010.

agência de viagem e turismo como típico espaço *gay* local. “Gostei de tudo! Conheci dois carinhas legais e troquei telefone. Se hoje não rolar nada até o fim da noite, amanhã eu ligo antes de ir embora. Lá em Curitiba não posso fazer isso!”. Caio e Matheus retratam um panorama bem interessante da sociabilidade sexual que acontece entre visitantes e visitados. Considerando Caio um frequentador assíduo e Matheus apenas numa visita esporádica, as relações se aproximam no aproveitamento do anonimato urbano longe do circuito social cotidiano para experienciar outras formas de prazer, reafirmando o bloqueio moral-sexual cotidiano.

Em outra incursão visitei uma casa de sexo localizada no Centro histórico e comercial, na proximidade de vários hotéis. O local é bastante discreto e sem identificação na parte externa. Há apenas um número predial, com aparência de prédio residencial em estado ruim de conservação. Diferentemente de uma boate, a casa de sexo configura um lugar mais restrito, utilizada apenas por homens – neste caso específico é proibida a entrada de mulheres – em busca de sexo. Há espaços que propiciam sociabilidades diversas, desde a simples paquera e contato visual de uma sala de vídeo que transmite filmes pornográficos, a salas escuras onde os clientes podem deliberadamente manter relações sexuais, estimulados pelos sentidos do tato e audição. Há um bar com guarda-volumes, banheiros, salas de vídeo individuais e coletivas, labirintos – formado por corredores móveis onde acontecem jogos sexuais – e a *dark room*⁷, onde a visibilidade é quase zero. O clima de proibição resulta em pouca conversa e muito jogo de sedução visual, trocas de olhares e gestos, como se todos fossem, de certa forma, mudos, anônimos. Nos labirintos acontece um processo de caça mais intenso e, por entre corredores e becos sem saída, transam livremente entre dois ou mais participantes. Já na *dark room* estão aqueles que se sentem mais seguros quando não vistos. As pessoas se tocam e fazem sexo – algumas coletivamente – como que cegas e, conseqüentemente, invisíveis. De modo geral, é paga uma entrada para usufruir da estrutura do lugar e as interações sexuais acontecem livremente, sem relações comerciais; e a troca de parceiros sexuais é constante.

João⁸, funcionário do local, confirmou a presença de turistas que “sempre ligam querendo informações, falam que estão no hotel tal e querem saber como chega aqui, o que rola, essas coisas...”. Reforça também que a discrição é primordial para que mantenham a segurança moral de seus clientes que experienciam o prazer longe dos estigmas sociais, visto que “é aquela coisa, né: os caras vêm aqui transar, mas lá fora a real é outra! Têm muitos casados também, mas aqui nada disso interessa. Só curtirão mesmo, sem preconceito”. Este estabelecimento me remete ao trabalho de Braz (2009), que investiga os bares e clubes de sexo para encontros homoeróticos em São Paulo e Madrid e trata das convenções sociais refletidas no comportamento de homens que criam redes de sociabilidade homossexual, ao passo que reproduzem representações sociais de ‘machos’ procurando sexo com outros ‘machos’. Aborda, nesta perspectiva, espaços *gays* a partir de uma sociabilidade relacional de poder e dominação entre homens, baseada no prazer e na liberação de práticas sexuais facilitadas por lugares propícios ao encontro homoerótico, a exemplo de saunas e festas temáticas, onde homens podem circular nus ou seminus em busca de parceiros sexuais.

Em minha terceira empreitada encontrei outro ambiente, aberto e público: um bar a beira mar com música alta e grande movimento homossocial. Diferente dos outros casos, neste local há a

⁷ *Dark room* tem origem do inglês “quarto escuro”, onde os homens praticam sexo livremente com parceiros não identificados, já que o sentido da visão é nulo.

⁸ Entrevista concedida em 10 de novembro de 2010.

completa exposição das pessoas que circulam entre os frequentadores da praia, embora o empreendimento esteja mais ao final dela, já próximo a uma trilha que leva à praia de nudismo. Ao dialogar com dois empregados do bar que me atenderam com muita simpatia e disposição, ouvi depoimentos de que o maior fluxo de clientes do bar é de turistas e que, por isso, somente funciona durante a alta temporada, entre novembro e março. Embora liberada, a sociabilidade é contida e se limita a paquera, carícias leves e encontros entre amigos.

Sentado em uma mesa na condição de cliente, aproveitando a música, o sol e a praia, percebi que alguns casais que aparentemente acabavam de se conhecer, após alguma conversa, caminhavam em direção às trilhas da praia de nudismo para ficarem mais à vontade, longe de tanta exposição. Janete⁹, uma garçonete que atendia as mesas na areia, relata que *“o maior movimento mesmo é no carnaval e na parada gay. Aqui vem muita gente jovem, mas o maior público são homens, quase todos turistas. Alguns a trabalho que aproveitam um tempinho pra curtir a liberdade de escolha”*. Carlos, subgerente que também atende as mesas, relatou que o bar disponibiliza preservativos gratuitos em seus banheiros e balcão como forma de cortesia para agradar seus clientes. Atesta que há um grande consumo por parte dos clientes que ali buscam pares sexuais. *“Além do sexo, muita gente busca liberdade. Aqui você pode beijar, namorar em paz, em segurança. [...] Ninguém vai rir da sua cara ou te apontar na rua”*.

Tal qual meu campo de pesquisa, Silva (2009) considera as práticas sexuais transgressoras da moral cotidiana ligadas ao lazer na viagem estudando espaços de sociabilidade sexual em São Paulo. Em sua pesquisa, parte da premissa que pessoas de diversas camadas sociais visitam a cidade para frequentar clubes de sexo de modo não explícito, pois aproveitam a dimensão da grande cidade para se manifestarem de forma oculta e clandestina, construindo relações sociais no anonimato. Salienta, ainda, que o deslocamento não é motivado, a princípio, pelo sexo, a exemplo de executivos que se encontram na cidade para um evento e contratam prostitutas ou frequentam saunas gays, ou ainda, um casal que após algum roteiro cultural, vai a um clube de troca de casais.

De modo geral, o ambiente interior e anônimo que se estabelece nesses espaços de ordem transitória facilita as relações momentâneas e sem compromisso, no anonimato urbano dos guetos. Mais além do anonimato urbano local, para o turista, a oportunidade de praticar sexo longe do cotidiano é atrativa e oportuna, como discorre Lanzarini (2013), sem deixar de considerar que, mais importante que a prática de sexo, esses turistas experienciam aquilo que não lhes é permitido em seus grupos sociais fixos: a homosocibilidade.

Ao longo de todo o processo de pesquisa, que ultrapassa as entrevistas e se estabelece a partir da observação, identifiquei um grande número de homens turistas buscando sexo em viagens ocasionadas pelas mais variadas motivações. O mais frequente foi encontrar profissionais liberais com faixa etária média de 35 a 55 anos, que estavam em viagens profissionais por dois ou quatro dias na Ilha. Muitos deles eram de cidades do interior do Estado ou das região metropolitana, que vieram à capital a negócios.

De modo geral, o processo de aproximação desses sujeitos na qualidade de pesquisador era bastante difícil, pois há de se considerar que num ambiente de entretenimento ou lazer as pessoas não se encontram dispostas a pesquisas e questionamentos que possam de alguma forma identificá-las, principalmente em se tratando de homens que prezam em manter uma identidade social contrária a suas práticas sexuais. Por isso, a observação participante é tão importante para captar informações e perceber a forma como ocorrem as interações, os jogos

⁹ Entrevista concedida em janeiro de 2011.

de interesse e códigos que são estabelecidos nos guetos, quase sempre ambíguos, pois compõem grupos não fixos, de alta rotatividade de participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho de campo percebi como é demarcada a presença da sensualidade e a busca por interação sexual, notadamente fora do contexto da prostituição, visto que presenciei, por diversas vezes, investidas de homens que buscavam conhecer alguém, aproximar-se e possivelmente ter algum contato mais íntimo, como os entrevistados expressaram abertamente. É uma sociabilidade estabelecida a partir de um processo de busca que eles chamam de 'caça'; e não de compra ou interesses comerciais, o que torna essas buscas mais complexas e nem sempre bem-sucedidas, visto que é preciso que haja consenso de ambos para que ocorra a sociabilidade homoerótica.

A nítida diferença que existe no comportamento homossexual na rua e no interior dos guetos perpassa as relações de gênero, sexualidade e preconceito social que condiciona o comportamento de determinados grupos e os segregam em espaços específicos, onde as pessoas podem experimentar novas sociabilidades temporárias e descompromissadas da vida cotidiana, salvaguardadas dos estigmas e preconceitos que a cultura impõe à sociedade. Mais além, a sexualidade experienciada no anonimato é um indicativo de que as necessidades de satisfação dos desejos reprimidos são constantemente buscadas por turistas que passam a ser um grande público consumidor de equipamentos de lazer e entretenimento ligados ao sexo. Essas relações se estabelecem a partir do efêmero, anônimo e instantâneo, sem continuidade.

A importância da compreensão do cotidiano, enquanto lugar no qual se fundam os vínculos sociais, permite capturar as facetas culturais formadoras da identidade social coletiva, que ao passo que caracteriza os sujeitos e os coloca em determinado grupo, também é capaz de segregar, limitar e estereotipar, por meio da repetição e da circularidade, ações e comportamentos que são conhecidos e seguros para cada sociedade.

O espaço liminar é, assim, instituído pela própria sociedade e visa lidar com suas contradições, conflitos, crises e ou problemas não resolvidos que ameaçam as bases da estrutura social, neste caso exemplificado pelos conflitos da sexualidade de alguns homens que aproveitam o anonimato das viagens para extravasarem suas frustrações e ou desejos sexuais. A ruptura moral pelo sexo acontece na viagem de maneira momentânea e efêmera, como forma de satisfação dos desejos sexuais reprimidos no cotidiano, que no anonimato urbano, não ganham visibilidade social, protegendo seus adeptos dos estigmas e preconceitos que eles próprios alimentam em seu grupo de origem.

Cria-se, pelo preconceito e fortalecimento do 'armário', um ciclo vicioso que oprime e condena publicamente a homosociabilidade, mas que também licencia e fortalece os guetos e suas práticas anônimas. O turismo, neste caso, tem ligação direta com as buscas sexuais, pois há um aumento considerável de equipamentos destinados ao sexo em praticamente todos os seus destinos e nos grandes centros urbanos brasileiros, que possuem um fluxo contínuo de mobilidade humana. Mesmo que de forma não explícita, turistas alimentam os guetos sexuais, mantendo relações de sociabilidade sexual direta entre visitantes e visitados. Contudo, como o sexo é sempre mantido na vida privada, suas práticas, quando fora do circuito comercial que move a prostituição de homens e mulheres, raramente são percebidas pela sociedade, mantendo a marginalidade de seus guetos numa zona de segurança para todos os envolvidos e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M.V. de. (2009). *A chave do armário: homossexualidade, casamento, família*. Lisboa: ICS.
- Almeida, M.V. de. (1995). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Badinter, É. (1993). *XY: A identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1997). *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico na época do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV.
- Braz, C. (2009). Men Only: clubes e bares de sexo para homens em São Paulo (Brasil) e Madrid (Espanha). *Anais... XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Sexualidades, corporalidades e transgressões*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Butler, J. (2001). *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Paidós: Barcelona.
- DeCerteau, M. (2004). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1997). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Fry, P. (1982). *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gagnon, J. (2006). *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- GENZUK, M. (1993). *A synthesis of ethnographic research*. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.). Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Krippendorf, J. (1989). *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lanzarini, R. (2013). *Jorge: empresário de fora, casado e versátil – homoerotismo no anonimato das viagens*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC: UFSC, p. 255. (Tese de Doutorado).
- Lanzarini, R. & Rial, C. (2010). Turismo gay na Ilha de Santa Catarina: homosociabilidades e perspectivas. *Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 – diásporas, diversidades e deslocamentos*. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1290698937_ARQUIVO_artigoTurismo_Gay_na_Ilha_de_Santa_Catarina_-_completorevRial.pdf>. Acesso em 20 dez 2010.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Park, R. (1979). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar,.

Perlongher, N. (1989). *Territórios marginais. Papéis Avulsos n.6*. Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. Rio de Janeiro: UFRJ.

Pétonnet, C. (1987). L'anonymat ou la pellicule protectrice. In: *Le temps de la réflexion VIII*. La ville inquiète, pp. 247-261.

Richardson, R. (1999). *Pesquisa social: método e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rubin, G. (1998). *Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality*. In: Nardi, P. & Schneider, B. *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London/New York: Routledge.

Scott, J. (1995). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2.

Sedgwick, E. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de, pp. 19-54.

Silva, Fábio. (2009). Turismo e sexualidade na metrópole: o caso de São Paulo. *Anais... IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Unesp*. Rio Claro: Unesp.